

SABERES CONSTRUÍDOS EM GRUPOS JUVENIS E CAPITAL SOCIAL

*Lúcio Jorge Hammes¹
Rute Baquero²*

Resumo

O artigo discute os aprendizados realizados por jovens participantes de grupos juvenis, problematizando-os na sua relação com o conceito capital social. O processo de coleta de dados foi desenvolvido através de entrevistas semi-estruturadas junto a grupos de jovens vinculados a duas organizações: a organização não-governamental Rede em Busca da Paz, de Santa Cruz do Sul, e a organização Pastoral da Juventude Estudantil, de Sapucaia do Sul. Resultados preliminares da pesquisa revelam a realização de aprendizados “em relação” que se fazem nos grupos juvenis – aprendizagens de convivência, de respeito com o outro, de confiança mútua, entre outras – e a possibilidade de utilização desse capital na construção de capital social.

Palavras-chave: grupos de convivência, juventude, educação, capital social, cidadania.

Abstract

The article analyses the learning acquired by young people who take part in juvenile groups, discussing its relationship with the concept of Social Capital. The process of data collection was developed through semi-structured interviews with two young people organizations: “Rede em Busca da Paz”, from Santa Cruz do Sul, and “Pastoral da Juventude Estudantil”, from Sapucaia do Sul. Preliminary results indicate the acquisition of “learning” developed by young people who have gone through group experience: relationship learning, learning to respect other people constructing

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, desenvolvendo pesquisa sobre a educação dos jovens na Linha de Pesquisa “Educação Básica e Processos de Exclusão Social”. E-mail: l-h@ig.com.br.

² Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, na Linha de Pesquisa “Educação Básica e Processos de Exclusão Social”. E-mail: rbaquero@bage.unisinos.br

mutual confidence, among others. It also indicates the possibility of using those learnings in the construction of social capital.

Keywords: relationship groups, youth, education, social capital, citizenship

INTRODUÇÃO

A ciência política mostra que a cidadania se desenvolve na prática. Como nos ensina Putnam: “as normas e as cadeias de relações sociais multiplicam-se com o uso e minguam com o desuso” (PUTNAM, 1996, p. 179).

A formação cidadã envolve um processo de educação complexo, para o qual contribuem muitas instituições sociais – a família, a igreja, o local de trabalho, o próprio sistema político, entre outros. Os tipos de experiência nessas instituições variam. Os indivíduos podem aprender de modo intencional em aulas de civismo, mas também através da vivência junto à família, de modo informal, observando, por exemplo, o posicionamento de seus pais na discussão política e na própria ação cotidiana.

Além disso, as “lições sobre cidadania” podem não ser explícitas no seu conteúdo, “como quando o indivíduo aprende sobre autoridade, participando em estruturas hierárquicas, na família ou na escola, ou quando aprende a respeito da atitude “confiança nos outros” do seu contato inicial com adultos (BAQUERO, 2003, no prelo). Desse modo, a aprendizagem para a cidadania não se restringe ao processo educativo instituído. No entanto, especificamente no que diz respeito à educação do jovem, a pesquisa tem se direcionado para “o exame das relações que os jovens mantêm com processos formais de ensino” (SPÓSITO, 2002, p. 6) enfatizando, dessa forma, o papel da educação instituída no processo de formação da juventude.

Embora importante, a investigação focalizando processos educativos instituintes com jovens apresenta lacunas, particularmente no que diz respeito ao estudo sobre os grupos juvenis que, segundo Spósito (2002), têm pouca tradição teórica no Brasil, não só no campo da educação como no campo das ciências sociais (p. 212). Dos nove trabalhos sobre grupos juvenis identificados pela autora, no estudo da arte “Juventude e Escolarização”, a maioria direcionou suas investigações para as formas culturais de expressão coletivas dos jovens.

Este trabalho volta-se justamente para a investigação da realidade de grupos juvenis. Parte da hipótese de que nos grupos juvenis, com uma organização de relações horizontais, baseadas no diálogo, há condições que favorecem aprendizados de convivência que contribuem para o desenvolvimento de relações de confiança e de entre-ajuda entre seus participantes, constituindo-se em mediação importante para a construção de capital social junto à juventude. Neste sentido, identifica aprendizados desenvolvidos em grupos juvenis vinculados a duas organizações – a Pastoral da Juventude Estudantil e a Rede Em Busca da Paz -, problematizando-as na sua relação com a construção de capital social.

O texto está estruturado de modo a focalizar, inicialmente, questões relacionadas com a juventude e as transformações sócio-culturais e a participação dos jovens nos grupos juvenis. A seguir, especifica-se a pesquisa realizada, descrevendo as organizações às quais os grupos juvenis estudados vinculam-se e apresenta-se dados referentes à contribuição dos grupos na formação dos jovens. Finalmente, à guisa de conclusão, procede-se a uma discussão dos resultados, problematizando-se os aprendizados nos grupos juvenis na sua relação com a construção de capital social.

JUVENTUDE E AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS

O fenômeno “juventude” surge com as transformações provocadas pela industrialização e o desenvolvimento do sistema escolar na modernidade. Contudo, ela só se universaliza no século XX, quando os operários e as mulheres começam a fazer parte deste grupo.

As idades da vida (criança, jovem e adulto), embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são um fenômeno puramente natural, mas construídas, social e historicamente, inseparáveis do processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo (PERALVA, 1997, p. 15). A socióloga, Janice Tirelli Ponte de Sousa, identifica a juventude como:

Um momento de entrada na vida pública, quando novos valores se colocam diante dele e posições diversas serão assumidas; um recurso do qual a sociedade dispõe e do qual se utiliza para modificar-se; uma fase crucial para a formação e para a transformação do indivíduo, quer na maturação de seu corpo e de seu espírito, quer no que diz respeito às escolhas que o inserirão, definitivamente, na institucionalidade da vida social (1999, p. 23).

Desde os primórdios da cultura egípcia, judaica, helênica e romana, a juventude recebe atenção especial, particularmente em relação à educação. Para os gregos, por exemplo, “a coluna vertebral da vida em sociedade era a Paidéia, a educação, a distinção que permite o acesso dos jovens a um saber partilhado sem o qual a cidade não poderia existir” (SCHNAPP, 1996, p. 19). Acreditava-se no potencial juvenil para a afirmação dos princípios societários, pois como o jovem, a sociedade está sempre em construção.

Para a compreensão da categoria “juventude” é necessário ir além do seu significado como “grupo de idade”, “fase da vida”, ou mesmo “imagem social”, pois não há consenso em torno da idéia que expressa e tece toda uma mitologia, matizada pelo tempo e que normalmente tem a ver com o aspecto demográfico – apelo à idade para determinar os jovens, situados em 15 e 24, conforme a definição da ONU em 1983, desenvolvimento da personalidade – destaca as mudanças fisiológicas iniciadoras deste período

e o ambiente sócio e cultural: área sexual, afetiva, sócio-afetiva, intelectual e físico-motora e a perspectiva social – identificada em virtude de sua relação com a escola, preparação para o trabalho e vida adulta (UNDIKS, 1989, p. 23).

Outro aspecto importante para a compreensão da categoria juventude é olhar para as raízes históricas desta categoria, trazendo as tradições que serviram de fundamento para concebê-la e o movimento que a revitaliza. Neste sentido Zinnecker (1987), com o título provocativo do artigo *La juventud actual: ¿comienzo o final de una época?*, aprofunda o conceito juventude, desde sua gênese, a partir de uma pesquisa com os jovens dos anos de 1945-1955 (adultos) e com os jovens dos anos de 1980³. O autor revela que, apesar de ser um fenômeno moderno, a categoria *juventude* começa a ser elaborada desde Rousseau, com Emílio, em 1762, ao propor uma teoria pedagógico-evolutiva de um jovem modelo. Conforme este filósofo, “apesar de tantos escritos que, segundo dizem, só têm por fim a utilidade pública, a primeira de todas as utilidades, que é a de formar os homens, ainda está esquecida” (ROUSSEAU, 1995, p. 4). Zinnecker (1987, p. 56) afirma que o projeto rousseauiano já contém os elementos essenciais do conceito atual de juventude, com quatro modelos básicos:

a) Juventude como valor social – A partir da história, tem-se a impressão de que a inovação da juventude que surge no século XVIII não consiste tanto no fato de que se inventam novas regras de passagem para a idade adulta. A maioria dos elementos do que a burguesia da Ilustração discutia sob o nome da juventude (*Jünglingszeit*) já existiam em uma ou outra forma como institucionalizações práticas. A novidade é a sua valorização como fase da vida. Assim como aconteceu com a infância no século XVI e XVII, a juventude deixa de ser apenas uma conexão de gerações (passagem) ou tempo de espera, mediante exercícios dependentes (jovem = servidor ou aprendiz). Ela se ocupa agora com valores positivos, que não somente reabilita, mas concede dignidade própria: a juventude como possibilidade positiva de caráter e portadora de progresso social.

b) Juventude como domínio pedagógico – Para Rousseau, o espaço juvenil é o território da pedagogia. Neste espaço os pedagogos têm a missão de criar um entorno adequado, que oportunize aos jovens tomar posição frente aos valores e normas em vigor.

c) Juventude como moratória – A partir de Rousseau, a juventude é uma época vital prévia e exterior à vida social. Uma época de indulgência dedicada a encontrar-se a si mesmo e pôr-se à prova. Para ele, o jovem é livre das obrigações sociais que podem ser uma carga, como o trabalho, o amor e a paternidade. “Esta idéia constitui desde então o *credo* da pedagogia burguesa, assim como da moderna psicologia evolutiva do século XX, que se baseia naquela” (ZINNECKER, 1987, p. 61).

d) Juventude como evolução e crise vital produtiva – Ainda que a fase juvenil tenha adquirido um sentido negativo, seu conceito clássico assinala, desde o início,

³ O autor retoma os “Estudo Shell sobre Juventude” de 1981, 1983. A pesquisa de 1984, além de apresentar o perfil da juventude, também reflete as opiniões dos que eram jovem entre os anos 1945 e 1955.

para tarefas de desenvolvimento, especificadas de modo positivo, como preparar o jovem para as relações com o sexo oposto e a formação de caráter. Mas na concepção moderna, a juventude é um período de “*sturm und drang*”, ou seja, de crise vital, que inicia com a “crise da puberdade”, definida por Rousseau como segundo nascimento ou “nascer para viver”, caracterizada por uma mudança de humor, arroubos freqüentes, uma contínua agitação de espírito que tornam a criança quase indisciplinável. No século XX, Erik Erikson cunhou o conceito de *crise de identidade*, como marco da fase juvenil: uma juventude plenamente válida implica a crise de sentido e de orientação, que garantem a identidade livre e madura do cidadão adulto, assim como sua moralidade.

No seu do estudo, Zinnecker identifica que dos anos de 1950 até 1980 há uma mudança histórica na concepção de juventude que se instalou desde o século XVIII. Ele afirma que, do século XVIII até meados do século XX, a juventude existia sobretudo no papel e na mente dos teóricos da juventude como utopia, referindo-se a alguns jovens, varões e burgueses (ZINNECKER, 1987, p. 63). A partir dos anos cinquenta, dois grandes grupos demográficos começam a viver também a sua juventude, de acordo com a concepção clássica: a juventude operária e a feminina (seria o começo da história real da juventude). Nos anos 80 muito mais jovens experimentam uma moratória psico-social, com a ampliação do tempo na escola e adiando o trabalho. E, como a pressão da carreira do futuro adulto começa já na infância e na escola, a pedagogia deve oferecer a proteção pedagógica primária para a moratória e os adultos devem seguir aprendendo, situam-se muito próximos dos jovens⁴. Segundo Zinnecker, ainda que os quatro modelos, destacados por Rousseau no conceito de juventude estejam presentes na compreensão contemporânea de juventude, ela passa por transformações que estão presentes particularmente a partir dos anos 50.

Esta dinâmica da formação da juventude pode ser percebida nos estudos de Eisenstadt (1976, p. 83) que chama atenção para o movimento social que se instaura com a experiência dos *Wandervogel*⁵, primeiro movimento juvenil alemão, que marca

⁴ O autor chama atenção para o debate que se institui desde 1950 em relação ao desenvolvimento psico-social, pondo à prova, não só o conceito de juventude como moratória, ao cuidado da pedagogia, mas também de infância. Fala-se, inclusive, em “fim da idade juvenil” e “fim da infância”. Certas atitudes dos adultos os “aproximam” dos jovens: abandono dos laços religiosos, do otimismo em relação ao futuro e de valores e convicções tradicionais. Os adultos já não são os privilegiados, portadores e transmissores de valores culturais e, muitos deles, querem participar da “juventude” socialmente valorizada (ZINNECKER, 1987, p. 70).

⁵ Segundo o autor, o *Wandervogel* começou como um grupo de escolas juvenis, comandado por um jovem líder, que procurava libertar os jovens da atmosfera “sufocante” da estrutura burocrática e formal da escola e das suas casas. Sua atividade era fundamentalmente fazer excursões aos domingos, usando roupas claras e esportivas, passando o dia no campo entre os “montes de feno”, cantando canções folclóricas e de maneira geral liberta-se da atmosfera da casa e da vida escolar. Esta iniciativa teve especialmente sucesso entre os universitários, onde os grupos se desenvolveram rapidamente. Este sair e “andar sem destino” foram adquirindo um significado popular e nacionalista e tornou-se um anelo para a instituição de uma verdadeira comunidade nacional (*Gemeinschaft*). Em 1913, numa reunião de Hohe Maissner, esta juventude declara

profundamente as ações juvenis futuras como a Revolução Cubana (1959-1961)⁶ e as manifestações juvenis dos anos 60 e 70 (luta contra a ditadura no Brasil, Maio de 68 na França, manifestações pela liberdade nos EUA). Assim, a juventude é reconhecida como grupo, com força de transformação social⁷.

Nesta concepção dialética de juventude, a identidade é construída passo a passo, configurando um projeto individual de trabalho e de vida que nunca pode ser dissociado de um projeto maior, o do grupo. Correa (2003, p. 8), em revisão bibliográfica sobre culturas juvenis, refere que os estudos da década de 60 problematizam os jovens, enquanto atores políticos. Sandoval (2000, p. 160), em um trabalho a respeito do tema juventude, chama atenção para o fato de que durante as últimas décadas, o objeto teórico – a questão juvenil – apresenta transformações que indicam uma abismal diferença entre o mundo juvenil da década de 70 do mundo juvenil da década de 90. O autor destaca que a humanidade e, particularmente a juventude vêm experimentando intensas mudanças sociais. Em relação a isso, Sandoval refere a hipótese de Bajoit e Fransen que afirmam existir uma mudança fundamental na concepção da vida, na visão de mundo, nos sistemas de significação e valores que orientam a conduta de cada um, assim como as referências normativas que servem de parâmetros macro-sociais. Bajoit e Fransen (*apud* SANDOVAL, 2000, p. 161) postulam que

desde hace 20 o 30 años, una mutación cultural está en curso”, es decir, estamos viviendo el paso “de un modelo cultural basado en la razón social, a otro fundado sobre la autorrealización autónoma” y, más aún, “la reducción de la credibilidad que afecta al modelo de la razón social y el aumento de la credibilidad que se vincula al modelo de la autorrealización autónoma serían al final un proceso irreversible en la medida en que éste sería alentado por todos, incluso por aquellos que aparentemente se esfuerzan por resistirlo.

o seu direito a modelar seu próprio destino, afirmando: “Juventude Alemã Livre, por sua própria iniciativa, sob sua própria responsabilidade e com profunda sinceridade, é independente para construir sua própria vida. Para o bem de sua liberdade interior deverá, sob toda e qualquer circunstância, agir sempre unida”. Após a Primeira Guerra Mundial, este movimento foi absorvido pela juventude nazista.

⁶ Sartre, falando sobre o caráter juvenil da Revolução Cubana, refere que esta Revolução não foi só o advento de uma revolução continental na América Latina, mas também da ocupação do poder político e social pela geração mais jovem. Os novos dirigentes tinham em média 29 anos: Armando Hart tinha 27 anos, Guevara e Raul Castro, pouco mais de 30 anos, Fidel, 32 anos.

⁷ Este movimento surgiu na França de modo surpreendente e teve repercussões em outros países. Jean Sanvoisin afirmou no dia 11 de junho de 1968: “Penso que é então neste contexto que podemos compreender o movimento estudantil como frente avançada de luta de classe e como precursor de movimentos de luta de classes ainda nunca vistos na história da humanidade e de que a greve geral de maio-junho de 1968 na França representa apenas ainda uma primeira fase” (LEFEBVRE, 1968p. 45). Da Universidade de Berkeley, os estudantes alertavam para a necessidade de mudança de atitudes e anunciavam: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos”. As novas atitudes não devem mais se basear na disciplina, hierarquia e ordem, mas na liberdade para construir novas liberdades. Segundo esta proposta, a guerra no Vietnã é um exemplo do velho sistema. A Frase chocou muita gente, virou música e girou o mundo.

Citando Bajoit, Sandoval identifica mudanças radicais na cultura contemporânea, que estaria passando de um modelo cultural baseado na *razão social* – é legítimo aquilo que é útil à coletividade, ou seja, contribui ao seu progresso e obedece à sua razão – ao outro, fundado na *auto-realização autônoma* – é legítimo aquilo que o indivíduo julga bom para o seu desenvolvimento pessoal.

En este nuevo esquema de funcionamiento social que se desarrolla en nuestra sociedad neoliberal, el pilar fundamental que sustenta el modelo es la autorrealización autónoma, la vía para lograrlo es tener éxito en el mercado y el requisito fundamental para obtener la integración deseada es el pragmatismo (SANDOVAL, 2002, p. 58).

O autor sublinha que o conceito de pragmatismo é utilizado no sentido filosófico: tudo que é verdadeiro é útil e concomitantemente, todo útil é verdadeiro, isto é, a utilização do valor prático como critério de verdade. A derivação popular do conceito leva a assimilar pragmatismo a utilitarismo, ao cálculo radical de ações em função de determinados fins pessoais ou corporativos.

Face ao objetivo deste trabalho, um conjunto de questões se impõe: que valores movem as ações dos participantes dos grupos juvenis? Sua concepção de vida e sua visão de mundo se orientam na direção de que modelo cultural? Aquele baseado na razão social, que legitima o que é útil à coletividade ou aquele, fundado na auto-realização autônoma, que legitima condutas voltadas para o desenvolvimento pessoal?

A PARTICIPAÇÃO JUVENIL NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Somente a partir da década de 90 a temática grupos juvenis se constituiu em eixo de investigação no campo da educação e das ciências sociais. Porém, a maioria das teses e dissertações, na área da educação, que enfoca este tema, enfatiza a dimensão cultural (teatro, dança, etc.) como elemento de mobilização juvenil. A dissertação de Nakano (1995) aborda formas associativas dos jovens e como a organização de jovens em torno de grupos – religiosos, de lazer, de esporte e cultura – permite estruturar experiências importantes através das relações de amizade e solidariedade.

A socióloga, Helena Wendel Abramo (1997), no artigo *Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil*, constata que, metodologicamente, na maioria das pesquisas, há dificuldade de considerar os jovens efetivamente como sujeitos. Ainda se olha para os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e “nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos” (p. 28). Em face disso, a autora sugere olhar os jovens, livre da postura de desqualificação, como sujeitos capazes de ações propositivas e interlocutores para decifrar conjuntamente, mesmo que

conflituosamente, o significado das tendências sociais do nosso tempo e das saídas e soluções para eles (p. 35).

Também a pesquisadora Janice Tirelli Ponte de Sousa (1999, p. 148) concluiu que a participação no grupo pode ser tomada como resposta para aquilo que se está plantando para os jovens enquanto realização de uma perspectiva de vida, ou seja, o grupo pode ser tanto o “criador” de uma direção quanto o espaço de materialização de uma dada forma de viver idealizada pelo jovem que o procura. Segundo ela, esta participação favorece a identificação e o desenvolvimento da consciência ética, política, moral e social do jovem, que vai se integrando na sociedade, propondo o novo, ou adaptando-se às novas situações e exigências da vida.

Os diversos grupos (tribos, galeras, etc.) que caracterizam o mundo juvenil, possibilitam aprendizados que os identificam, conforme as opções e as experiências de vida. De modo geral, os jovens gostam de estar com os outros e vivem na tensão entre o passado e o futuro, com a preocupação quase exclusiva com o momento presente, tão bem ilustrada por Ferreira (1986) na alegoria do lago que recebe mais água do que perde. Mas, além de aprender a conviver, na experiência do grupo, o jovem adquire capacidades que contribuem para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

A importância da experiência grupal como *locus* privilegiado de partilha nos leva a questionar: Que aprendizagens os jovens constroem nos seus grupos de convivência? De que natureza são estas aprendizagens? Que efeitos produzem no âmbito do indivíduo? Quais suas conseqüências para a coletividade?

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em dois grupos, ligados a duas organizações que trabalham com a juventude: o grupo de Jovens Unidos Pela Paz (JUPA) da Rede Em Busca da Paz, de Santa Cruz do Sul, e o grupo de Jovens Unidos Melhorando o Presente (JUMPI) da Pastoral da Juventude Estudantil, de Sapucaia do Sul. Ambas organizações trabalham com jovens na metodologia de grupos em vista do protagonismo juvenil.

A Rede em Busca da Paz é uma organização não-governamental ecumênica, sediada em Santa Cruz do Sul, que tem como bandeiras: a luta contra o armamentismo, a objeção de consciência, a educação para a paz, a solidariedade com os povos em conflito e a ação para a cidadania. Desenvolve uma ação educativa visando a construção de uma cultura de paz e a promoção dos direitos humanos junto à juventude. A “Carta de Princípios da Rede Em Busca da Paz”, aprovada pela 1ª Assembléia Geral da Rede em outubro de 1999, explicita a compreensão do que esta organização entende por paz.

Entendemos paz como obra da justiça. A paz não é, portanto, a simples ausência da violência e de derramamento de sangue. Nem apenas se reduz à tranqüilidade. Muito

menos se constitui pelo uso da força. Estamos convictos de que a paz somente se obtém criando uma ordem nova capaz de assegurar a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas de vida. A paz é um trabalho permanente que implica mudança de estruturas, transformação de atitudes, conversão de corações. Viver em busca da paz não é, pois, passividade nem conformismo. É o resultado de contínuo esforço, sinal de uma militância permanente (Carta de Princípios da Rede em Busca da Paz).

A Rede Em Busca da Paz assume a não-violência como estilo de vida e metodologia de ação. Acredita que o pequeno grupo de base é um lugar para a convivência afetiva, uma escola e oficina da paz onde se educa para a não-violência e onde são organizadas e experienciadas ações em prol da paz no mundo.

A Pastoral da Juventude Estudantil está organizada em nível nacional e latino-americano, com uma história que se funda na Ação Católica, de modo especial na Juventude Estudantil Católica. Trabalha com a juventude da educação fundamental (7ª e 8ª séries) e do ensino médio numa ação organizada *por, com e para* os estudantes para que desempenhem sua missão na sociedade: “construir uma sociedade justa e fraterna, buscando transformações a partir da sala de aula” (PJE, 1994, p. 36).

A Pastoral da Juventude estudantil acredita que os jovens estudantes têm força e dinamismo para mudar a realidade da educação em nosso país. Seus objetivos são: Despertar e formar lideranças; aumentar a amizade entre os alunos; promover uma educação (formação) que atenda a todas as dimensões da vida do estudante: personalidade, capacitação técnica e dimensão vocacional; favorecer a conscientização do estudante, a respeito do seu potencial de transformação da realidade em que vive e fazer com que a escola seja um instrumento para promover novos valores de solidariedade, diálogo, partilha, capacidade de renúncia, luta pela justiça e participação em todos os níveis de organização da sociedade (PJE, 2002, p. 3).

Como estratégias de ação a PJE se fundamenta nos pequenos grupos de base, formados por estudantes que se reúnem periodicamente para discutir assuntos que dizem respeito às suas vidas e às dos outros estudantes. É um espaço de formação, convivência, amizade e partilha. Sugere-se que os grupos tenham entre 8 e 20 membros e uma organização mínima, com planejamentos de sua caminhada, preparação de reuniões e outras atividades, divisão de tarefas entre todos, garantindo a participação democrática.

Tanto a PJE, quanto a Rede Em Busca da Paz têm por objetivo oferecer aos jovens um espaço de convivência com lideranças capacitadas para o trabalho juvenil com subsídios, pessoas capacitadas e uma estrutura mínima para o acompanhamento do processo de formação da juventude. Estas organizações concebem o grupo como espaço de amadurecimento e crescimento. Explícito no marco referencial da Pastoral da Juventude:

O processo de amadurecimento leva o jovem a construir paulatinamente relações de companheirismo, de amizade e de fraternidade até incorporar essas atitudes numa valorização da experiência comunitária como referência permanente para sua vida. O jovem aprenderá a viver em grupo, aceitando e valorizando cada pessoa, reconhecendo seus valores e tornando-se capaz de renunciar aos interesses pessoais para assumir os da comunidade. Desenvolverá sua capacidade de trabalhar em equipe e de viver numa atitude de serviço que o faça crescer na responsabilidade por sua própria vida e pelas situações do grupo (CELAM, 1997, p. 204).

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas semi-estruturadas junto aos jovens participantes destes dois grupos. A análise dos dados das entrevistas se centra na contribuição do grupo na formação dos jovens participantes e na problematização dessa formação na sua relação com a construção de capital social.

CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Com vistas a configurar a contribuição do grupo na formação dos jovens, focalizamos, inicialmente, as razões do engajamento dos jovens nos grupos para, num segundo momento, discutir os aprendizados decorrentes desta experiência. Os jovens do grupo JUMPI têm entre 13 e 14 anos e os do JUPA de 12 e 18 anos. Considerando que a pesquisa está em desenvolvimento, os resultados são preliminares.

RAZÕES DO ENGAJAMENTO DOS JOVENS NOS GRUPOS

Diferentes são os motivos que levaram os jovens à participação nos grupos. Alguns dos entrevistados referem razões pessoais, de cunho individual, como:

“Falaram que era legal”.

“Comecei a participar quando o assessor Daniel veio conversar com a gente, nos disse que era um grupo legal”.

“Meu primo falou do grupo, eu gostei. Ele pediu para participar”.

“Participo porque gostei da idéia”.

Outros jovens, no entanto, destacam motivos para além do âmbito individual, referindo como razões da participação no grupo, dimensões relacionadas ao seu compromisso com a coletividade:

“Acho muito importante poder ajudar as outras pessoas. Acho que é um valor muito grande e vai aprendendo para a vida”.

“Eu tomei esta decisão de participar do grupo porque cansei de olhar só na televisão as injustiças, a violência. Eu cansei de ficar parado em casa, sem fazer alguma coisa.”

Cansei de ver a violência crescendo e ver mais um bandido preso e, não fazer nada aqui na terra. Todos temos uma missão aqui na terra. Então eu decidi fazer alguma coisa. Então foi quando apareceu o grupo de jovens. Alguns amigos da escola já participaram então eu pensei vou entrar e participar deste trabalho que poderá ser mais resultante com a minha ajuda. Eu quero ser útil para alguma coisa”.

No entanto, independentemente dos motivos que levaram os jovens a se engajarem no grupo, há consenso entre os entrevistados de que o grupo se constitui numa referência positiva para outras ações. Segundo eles:

“Aprende-se muito através de reuniões: estudo da realidade, trabalho com crianças, preparação de celebrações”.

“O grupo muda a gente (maneira de pensar e agir)”.

“Ajuda no relacionamento”.

Os jovens entrevistados revelam ainda que os aprendizados no grupo têm repercussões em outras esferas da vida, como a familiar, a do trabalho, a escolar:

“Isso [a participação no grupo] é valorizado até para o trabalho, depois. Acho que é super interessante”.

“Na minha vida pessoal ajuda na compreensão. Mas na vida profissional ajuda a me relacionar com os colegas do trabalho”.

“Aos poucos se criam relações novas. A escola pode aprender com estas experiências”.

Saberes construídos nos grupos juvenis

Diferentes tipos de aprendizagem são realizados nas relações em grupos, segundo os jovens entrevistados, os quais relatam aprender a relacionar-se, a respeitar as idéias dos outros, a agir em grupo. Eles afirmam:

“O grupo ensina a conviver com as pessoas”.

“Tenho agora um grupo. Aprendi a respeitar as idéias dos outros. Saber lidar com os outros”.

“No grupo a gente tenta mudar a nossa forma de ver o mundo”.

“As pessoas confiam mais em mim pelo fato de participar do grupo”.

“Ajuda a respeitar as idéias dos outros”.

“Aprendi muitos valores como respeito, a fé, a convivência, o coleguismo”.

“O grupo mostrou que o mundo não é ‘cor de rosa’. Tem suas dificuldades e seus problemas”.

“Aprendi a valorizar a minha vida e as pessoas com quem convivo”.

Pesquisas realizadas com jovens têm evidenciado também o caráter positivo do grupo junto ao segmento juvenil. Nele os jovens partilham idéias, estudam e assumem juntos conflitos, vitórias e derrotas, pois “o grupo é, tradicionalmente, o cadinho de uma sociabilidade juvenil intensa” (PERROT, 1996a, p. 116). De acordo com Velásquez (2002, p. 45):

A formação de grupos e seus aspectos de associação estão intimamente ligados a um desejo de ação coletiva, seja ela voltada a uma ação continuada específica, caracterizada pela duração clara no tempo e no espaço, seja ela uma ação pontual.

Sousa (1999), em estudo sobre a juventude dos anos 90, aponta como conseqüências da participação nos grupos assessorados por religiosos, a formação de lideranças, que vieram a ter, posteriormente, uma participação ativa em movimentos populares ou partidos políticos. Também, neste estudo, identificamos, dentre os egressos das organizações focalizadas, militantes no sindicalismo e na política.

Os saberes – confiança, respeito ao outro, cooperação espontânea, ações coordenadas, formação de redes –, embora se constituam aprendizados realizados no âmbito restrito do grupo, são fundamentais para a construção de capital social. Autores que problematizam a questão do capital social vão destacar, como elementos essenciais para a sua produção, justamente esses aspectos. Bourdieu (1998), ao conceituar capital social, destaca a constituição de uma “rede durável de relações”, vinculados a um grupo. Segundo Bourdieu:

Capital social é um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998).

Putnam (1996), por sua vez, afirma que “capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas”. Na mesma direção, Coleman (2000) refere que a confiabilidade dos membros de um grupo e a confiança mútua entre eles são fatores fundamentais no desempenho do grupo, destacando que a presença ou a ausência desses fatores, respectivamente, aumentam ou diminuem a capacidade de realização do grupo.

Dessa forma, resultados preliminares desta investigação revelam a importância dos aprendizados “em relação” que se fazem nos grupos juvenis, e a possibilidade da utilização desse capital na construção de capital social.

Um outro componente fundamental para a promoção de capital social, observado na experiência juvenil dos grupos analisados, é a participação de todos no trabalho coletivo.

Dina Krauskopf (2000), analisando a questão da participação social da juventude, afirma a existência de uma mudança paradigmática neste campo, provocadas pelos processos de globalização e de modernização. Segundo a autora, a mudança paradigmática se revela em diferentes dimensões relacionadas com a participação juvenil: na constituição das identidades coletivas, na orientação em relação à mudança social e na dimensão organizacional dos grupos juvenis.

Um exame dos grupos juvenis, objeto de análise deste estudo, revela que ambos os grupos estão orientados para o que a autora denomina de “novo paradigma” de participação juvenil. Neste sentido, os dois grupos constituem suas identidades coletivas, com base em parâmetros ético-existenciais (justiça e paz) e não em parâmetros sócio-econômicos e político-ideológicos, como no “velho paradigma”. No que diz respeito à orientação em relação à mudança social há uma forte ênfase, nos dois grupos, na mudança pessoal como estratégia para influenciar, posteriormente, mudanças nas condições de vida coletiva. Conforme depoimentos dos jovens entrevistados:

O objetivo geral é a paz. Para que isso aconteça, a gente tem que fazer uma conscientização, primeiro da gente. Depois se trabalha com os outros [refere-se a trabalho junto a um grupo de crianças e com pais de famílias destas crianças]. Nós não ficamos só no grupo; isso não teria sentido.

Para que possamos ter um futuro bom com estas crianças. A gente procura melhorar o meio em que elas vivem. Não só com as crianças, mas também com as mães, porque não adianta preparar as crianças aqui e em casa tem outro ambiente, bem pior. Então agente procura melhorar este ambiente. O grupo é grande e tem muitos colaboradores.

Dessa forma, valores de solidariedade e de ajuda à comunidade estão presentes entre os membros dos grupos juvenis estudados, os quais orientam suas ações na perspectiva do “modelo cultural baseado na razão social”, conforme denominação de Bajoit, ou seja, legitimado como “bom” aquilo que é útil à coletividade.

Conseqüente com esta posição, os participantes de ambos os grupos enfatizam a importância de lutar localmente, buscando o alcance de metas a curto e médio prazo. Isto contrasta com a orientação do “velho paradigma”, que parte do pressuposto de que a modificação estrutural produz modificações no indivíduo, com a ênfase em lutas globais e o desencadeamento de ações para o alcance de metas a longo prazo. Em relação à dimensão organizacional, os entrevistados revelaram a existência, nos grupos, de uma estrutura organizacional horizontal, com uma liderança compartilhada entre o coordenador e os participantes, assumindo o coordenador o papel de facilitador da discussão grupal e incentivador das ações dos participantes. Na fala dos jovens do grupo juvenil vinculado à Pastoral da Juventude Estudantil:

“A coordenação deixa os jovens atuar. Todos têm vez. Afinal, o grupo é dos jovens”.
 “Tem coordenador. Mas não é uma liderança tipo ‘mandar os outros fazer’. Eles incentivam o pessoal do grupo fazer, vão mostrando as idéias, mas também querem as idéias de todos”.

“Nós somos um grupo. Escolhe-se uma equipe de coordenação que ‘puxa’ o grupo”.
 “A gente escolhe os líderes por votos de todos. Tem coordenador, secretário. A coordenação integra (dinamiza) o grupo inteiro e faz a ligação com o assessor. Daí, quando o grupo está disperso, ela tenta juntar. ‘Vamos, gente!’ Ela coordena a reunião de vez em quando”.

Este tipo de dinâmica está presente também no grupo juvenil da Rede Em Busca da Paz, conforme relatam os jovens participantes:

A assessora comunica a gente da reunião, expõe as idéias. Fala como poderia ser a reunião. *Mas o grupo em si, cada jovem, um comunica o outro, por telefone. Daí marca um encontro. Ai cada jovem expõe suas idéias e o jovem assume. O próprio jovem faz a reunião. A assessora não comanda. Ah, tem que fazer assim ou desta maneira. Não, o jovem descobre a maneira de como fazer a reunião. Esse é o processo. A gente tem estudos, analisa a situação, lê textos e artigos que são produzidos. Mas a melhor parte é a prática.*

À GUIA DE CONCLUSÃO

Atualmente, um percentual significativo (28,40%) da população brasileira, se considerarmos a faixa de 14 a 29 anos, é jovem. Segundo dados do IBGE, este contingente constitui hoje uma parcela expressiva da população, ou seja, cerca de 50 milhões de pessoas.

As dificuldades enfrentadas pela grande maioria desses jovens – de ordem educacional, econômica, social e cultural -, se constituem em desafios às políticas públicas nacionais para este segmento da população, no sentido de torná-los beneficiários, ao mesmo tempo protagonistas ativos de seu próprio desenvolvimento e desenvolvimento de suas comunidades.

As organizações juvenis podem exercer importante papel na promoção desse desenvolvimento. No entanto, no que pese esta possibilidade, não existe, em nosso país um canal de participação que permita a integração das organizações de juventude, na forma de um Conselho ou Plataforma Nacional da Juventude.

Dessa forma, negamos às *juventudes*, suas organizações e movimentos, a possibilidade de um maior envolvimento nas estratégias de desenvolvimento nacional.

Dina Krauskopf (2000), ao chamar atenção para as mudanças de paradigmas provocadas pela globalização e a modernização, afirma que as políticas e programas de juventude deveriam considerar, como eixos estratégicos, a visibilização positiva dos

jovens e a sua participação protagônica. Neste sentido propõe o reconhecimento da participação juvenil como imprescindível e efetiva, abandonando o adultocentrismo, tendo presente as “diversas juventudes” e suas diferentes situações. A autora sugere que

A participação juvenil não só requer ser entendida desde sua relação de *empoderamento* em relação ao setor adulto, senão que devem reconhecer as formas próprias de *empoderamento* que constroem, e as transformações que se dão na expressão dos conteúdos da participação juvenil (KRAUSKOPF, 2000, p. 128).

Na mesma linha de raciocínio, Baquero (2001), a partir do estudo sobre *alcances e limites do capital social na construção democrática*, insiste que:

Os déficits de participação popular tornam oportuno, relevante e necessário pensar em formas ou ações estratégicas que possibilitem a volta do cidadão, da sociedade civil e da sociedade em sua totalidade, para um papel mais participativo e fiscalizador.

A experiência da participação nos grupos juvenis marca profundamente a juventude, conforme relatam os jovens entrevistados nesta pesquisa, tanto na sua vida pessoal quanto no desenvolvimento de ações junto à coletividade.

Ao concluir este artigo, retomamos a idéia de Robert D. Putnam (1995) sobre a democracia nos Estados Unidos da América, no artigo *Bowling Alone: America's Declining Social Capital*. Segundo o autor, quando Alexis de Tocqueville visitou este país em 1830, ele encontrou uma nação organizada em milhares de tipos de associações, religiosas, morais e muitas outras. Era um país propenso à democracia, por isso, pôde escrever *Democracy in America*. Agora se percebe um declínio na democracia e da riqueza deste povo. A lição que o autor nos ensina é de que é fundamental o investimento em associações que gerem redes de confiança entre os participantes.

A formação para a solidariedade através da ação no grupo, desenvolve o espírito de participação numa rede de intercomunicação e de responsabilidade social. Na medida em que o jovem participa, assume responsabilidades e valoriza a participação de todos. Forma-se para a democracia. As pesquisas iniciais sobre os grupos juvenis focalizados revelam que a vivência de grupo desenvolve o espírito de equipe e forma para o interesse social, indicando que grupos juvenis podem constituir em mediações importantes para a construção de capital social junto à juventude.

Talvez, mais do que nunca, a experiência de aprendizagem oportunizada pelos grupos juvenis, seja um apelo para buscar novos jeitos para chegar às gerações mais jovens, ainda tão controladas pelo poder cativo do capitalismo, propondo novas formas de ser jovem e atuar na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPED, n. 5 e 6, 1997.
- BAQUERO, Marcelo. Alcances e limites do capital social na construção democrática. In: BAQUERO, Marcelo (org.). *Reinventando a Sociedade na América Latina: cultura política, gênero, exclusão e capital social*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGRS / Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 2001, p. 19-70.
- _____. Rute Vivian. Angelo. (Des)construindo a democracia: a educação política do jovem. *Revista do Ensino – 1964-1978*. In: BAQUERO, Marcelo (org.). *Democracia, juventude e capital social*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003 (no prelo).
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CELAM, Seção Juventude. *Civilização do amor: tarefa e esperança: orientações para a pastoral da juventude Latino-Americana*. (trad. Pe. Hilário Dick, S.J.) São Paulo: Paulinas, 1997 (col. Igreja dinâmica).
- COLEMAN, James. *Foundations of social theory*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- CORREA, Jorge Baeza. Culturas juvenis: acercamiento bibliográfico. CELAMITEPAL. *Medellín*. Bogotá D.C – Colômbia, vol. XXIX, n. 113 (2003) p. 7-39.
- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976 (col. Estudos/41).
- KRAUSKOPF, Dina. Dimensiones críticas en la participación social de las juventudes. BALARNINI, Sergio (coord.). *La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo*. Buenos Aires: CLASCO, 2000, p. 119-134.
- LEFEBVRE, Henri, et alii. A irrupção: a revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos. *L'homme et la société* (Revista Internacional de Pesquisas e Sínteses Sociológicas). São Paulo: Documentos, 1968.
- NAKANO, Marilena. *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo.
- PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL. *Cartilha da PJE: estudante força de transformação*. Porto Alegre, 1994.
- _____. *Cartilha da PJE: estudante força de transformação*. Porto Alegre, 2002.
- _____. *Quem somos? a que viemos*. Marco Referencial. Porto Alegre: Evangraf, 1994.
- PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. *Juventude e Contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5 e 6, 1997.
- PERROT, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). *História dos jovens*. (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996a. (Vol 2. A época Contemporânea), p. 82-136.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: america's declining social capital. *Journal of Democracy*. n. 6:1, p. 65-78, jan. 1995.

_____. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. (Trad.: Luiz Alberto Monjardim – trad. de: Making democracy: civic traditions in modern Italy de 1993). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Emílio ou da educação*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANDOVAL M., Mario. *Jóvenes del siglo XXI: Sujetos y Actores en una Sociedad en Cambio*: Ediciones UCSH, 2002.

_____. *La relación entre los cambios culturales de fines de siglo y la participación social y política de los jóvenes*. Argentina, 2000, p. 147-164. Disponível em: <http://www.clasco.edu.ar/~libros/cyg/juventud/sandoval.pdf>. Acessado em novembro de 2003.

SCHNAPP, Alan. A imagem dos jovens. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). *História dos jovens*. (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996a. (Vol 2. A época Contemporânea), p. 19-57.

SOUSA, Janice Tirelli. Ponte de. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes e CORTI, Ana Paula de Oliveira. A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord). *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. p. 203-221.

UNDIKS, Andrés (cord). *Juventud urbana y exclusión social: las organizaciones de la juventud poblacional*. Buenos Aires: Humanitas – Fólco, 1989.

VELÁSQUEZ, Cristina Suarez. *Da formação de grupos à ação coletiva: uma análise com grupos de jovens do assentamento rural da fazenda Ipanema – Iperó-SP*, 2002. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade de São Paulo.

ZINNECKER, Jürgen. La juventud actual: ¿Comienzo o final de una época? *Educación*. Instituto de Colaboración Científica, Tübingen, República Federal de Alemania, 1987, v. 35, p. 55-72.

Recebido para publicação em 25/11/03

Aceito para publicação em 19/12/03